

## **GRUTA DOS BREJÕES: PERSPECTIVA DE INSERÇÃO DA GRUTA E DA COMUNIDADE DE VEREDINHA NO ROTEIRO TURÍSTICO DA CHAPADA DIAMANTINA NORTE-BA**

*Antonio Henrique Dantas Silva<sup>1</sup>*

### **Resumo**

No mundo moderno, onde os lugares estão conectados por laços cada vez mais fortes e duradouros, ainda existem lugares que permanecem longe dessas conexões, o caso exemplificado neste trabalho, a comunidade quilombola de Veredinha e a caverna dos Brejões, no município de Morro do Chapéu-BA, que já está dentro de uma rota turística traçada pelo governo baiano no seu Planejamento Para o Século XXI, denominada Chapada Norte que é apenas citada sem nenhum projeto ou investimento para o desenvolvimento de atividades de turismo. As rotas turísticas contempladas, com projetos e investimentos, são as áreas litorâneas, ao passo que tanto o município de Morro do Chapéu quanto a comunidade que vive na APA dos Brejões não tiveram qualquer estudo feito no sentido da inserção neste setor, que é uma atividade que pode trazer benefícios às populações carentes de áreas com potencial turístico. No processo de organização do espaço turístico é importante ressaltar que os agentes produtores do espaço geralmente são ignorados a exemplo do que vem ocorrendo com outras áreas da Chapada Diamantina, o município de Lençóis é um desses, em que a população autóctone ficou à margem dos benefícios criados com o ecoturismo. A proposta de inserir a comunidade de Veredinha nesse filão é baseada na nova premissa que é o turismo sustentável de base local, uma atividade considerada de baixo impacto, que além de melhorar o padrão de vida dos moradores locais ainda vai ajudar a proteger a caverna do risco de danos ou mesmo sua destruição.

**Palavras chaves:** Veredinha; turismo de base local; sustentabilidade; caverna

### **1 Introdução**

A atividade turística destaca-se como grande fator de desenvolvimento social e econômico, entretanto, tem sido explorada de forma predatória e por vezes sem planejamento algum. Nesse contexto destaca-se o segmento do Ecoturismo como uma das atividades com maior potencial de gerar empregos, que deverá ser seu objetivo primordial, onde as populações das áreas em que se desenvolvem tais atividades seriam

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Geografia- Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil. Email: heinrichwerke1@terra.com.br, Tel.: 55 75-3223-8335

inseridas de maneira que o turismo viesse a absorver a mão-de-obra disponível e ao mesmo tempo melhorar o padrão de vida desses nativos com um mínimo de impactos sócio-ambientais, e por isso é importante fazer uma análise criteriosa de como implantar e inserir as pessoas da comunidade envolvida nesse processo elas deveriam ser informadas e ouvidas sobre os empreendimentos a serem realizados nas suas terras ou municípios, assim sendo uma série de problemas poderiam ser evitados, principalmente no reflete à degradação ambiental e segregação sócio espacial.

O objetivo deste trabalho é analisar a possibilidade de inserir a comunidade quilombola de Veredinha e a caverna dos Brejões, situadas no entorno da Área de Proteção Ambiental (APA) próximo ao rio Vereda Romão Gramacho, no município de Morro do Chapéu, divisa de América Dourada, no roteiro do turismo ecológico, pois apesar de situada na rota do turismo elaborada pelo governo estadual designada como Chapada Diamantina Norte, no Planejamento Para o Século XXI, é dada ênfase na Chapada apenas para o aeroporto de Lençóis, ficando de fora o município de Morro do Chapéu e conseqüentemente a APA dos Brejões e sua comunidade, assim como forma proteger a caverna do risco de destruição.

Vivemos num século de muitas transformações onde não há mais espaços geográficos intocados, e o homem ao desenvolver a tecnologia e com ela a sintetização da maioria dos materiais de seu uso diário tem, com isso distanciado do natural. Os espaços naturais na atualidade tomam um valor maior devido à moda conservacionista e agora são utilizados para serem explorados economicamente, respeitado a legislação dos órgãos responsáveis pela sua gestão, sendo assim há uma preocupação com lugares e comunidades que possuem um potencial a ser usado dessa maneira, as cavernas, por exemplo, além de possuírem uma beleza cênica são constituídas de calcário, que por sua vez é matéria-prima para o cimento e este, o grande construtor e modelador das paisagens urbanas está na mira de indústrias de cimento. Que as põe em grande risco de desmonte. A saída para essa situação surge na forma do turismo ecológico, que hoje se apresenta como solução para desenvolver áreas pobres e que possuam atrativos que tenham potencial para tal atividade, como é o caso da comunidade de Veredinha, extremamente carente, habitando a área próxima à entrada da Gruta dos Brejões, no Parque Estadual de Morro do Chapéu. Por isso que devemos nos preocupar com esses espaços ainda fora dos olhares de grupos econômicos interessados na sua exploração em

detrimento dos habitantes, e antes que eles sejam apropriados e degradados pondo a população autóctone como mais um grupo de excluídos à espera de auxílio do Estado.

A atividade turística pode ser entendida como produto social, caracterizado pelo deslocamento de indivíduos no espaço. O estudo de tal atividade pela geografia permite compreender a produção do espaço, a configuração territorial deste e a análise das representações sócio espaciais em um dado lugar (COSTA, 2004). É, portanto, uma atividade que utiliza as mais variadas motivações: o lazer, os negócios, a religiosidade, os estudos, a saúde, dentre outros.

Caracterizado pelo deslocamento de pessoas no território, a prática do turismo é considerada por estudiosos como uma prática social, pois é uma atividade criada e desenvolvida nas relações sociais, por grupo de pessoas. Assim esta agrega também a função de atividade econômica que vem crescendo de forma significativa em todo o mundo.

## **2 A COMUNIDADE DE VEREDINHA E SUA IDENTIDADE CULTURAL**

Por comunidade Quilombola pode ser entendida como um lugar que ainda guarda resquícios da escravidão, onde descendentes dos primeiros escravos haviam se escondido e, portanto, permanecem isolados até hoje. Entretanto há muitas considerações a fazer, até porque não sabemos se uma comunidade, pelo simples fato de ser afrodescendentes não quer dizer que sejam realmente descendentes de escravos fugidos, muitas dessas comunidades sequer possuem alguma referência histórica que possa certificar sua ascendência.

Este sentimento de pertença a um grupo e a uma terra é uma forma de expressão da identidade étnica e da territorialidade, construídas sempre em relação aos outros grupos com os quais os quilombolas costumam se confrontar e relacionar. Estes dois conceitos são fundamentais e estão sempre inter-relacionados no caso das comunidades negras rurais, pois a presença e o interesse de brancos e negros sobre um mesmo espaço físico e social revelam, de acordo com Bandeira (1988), aspectos encobertos das relações raciais. Estes aspectos encobertos são a submissão e a dependência dos grupos negros em relação à sociedade inclusiva, no caso de Veredinha ainda há outro aspecto é mais complicado, uma vez que a área que ocupam, além de ser uma APA, onde não

podem fazer muitas intervenções que venham a melhorar suas vidas é alvo de interesses de fazendeiros, devido à proximidade de um curso d'água, o rio Jacaré.

O vilarejo se originou de uma comunidade quilombola, que permanece até hoje, na área que está na APA da Gruta dos Brejões, o pouco de história sobre a comunidade é passada oralmente, pois, os registros documentais são raros, durante as visitas de campo e nas conversas com os membros da comunidade não foi possível conhecer com exatidão o número de pessoas que habitam o local, atualmente há pessoas que vivem na comunidade, mas que não nasceram lá, outra complicação surgida deve-se à desconfiança que eles têm em relação a estranhos. O que caracterizava o quilombo, portanto, não era o isolamento e a fuga e sim a resistência e a autonomia. O que define o quilombo é o movimento de transição da condição de escravo para a de camponês livre.

Tudo isso demonstra que a classificação de comunidade como quilombola não se baseia em provas de um passado de rebelião e isolamento, mas depende antes de tudo de como aquele grupo se compreende, se define. Atualmente, a legislação brasileira já adota este conceito de comunidade quilombola e reconhece que a determinação da condição quilombola advém da auto identificação e da sua cultura bem diferente de outros grupos étnicos.

Por cultura, Marvyn Claxton (1994) relembra que, em 1982, a UNESCO definiu o termo "cultura" como o conjunto de manifestações humanas que engloba não somente as artes, mas também o modo de vida e os sistemas de valores de uma dada sociedade ou grupo social. Por sua natureza sistêmica, a cultura deve ser analisada como um processo de compreensão e transformação do mundo, no qual se estabelecem relações intrínsecas entre diferentes aspectos da vida humana e ao qual se incorporam preceitos econômicos, sociais, artísticos, intelectuais, espirituais, entre outros. Verhelst (1992, p. 37) defende a ideia de que cultura é um "conjunto de soluções originais que um grupo de seres humanos inventa a fim de se adaptar ao seu ambiente natural e social". O autor considera vários aspectos vivenciados pelo ser humano, como por exemplo, *savoir-faire*, conhecimentos técnicos, costumes relativos à vestimenta, alimentação, religião, mentalidade, valores, língua, símbolos, comportamento econômico e sócio-político, formas autóctones de tomar decisões e exercer o poder.

Quanto ao dinamismo da cultura, Cunha (1986, p. 101) salienta que "a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado,

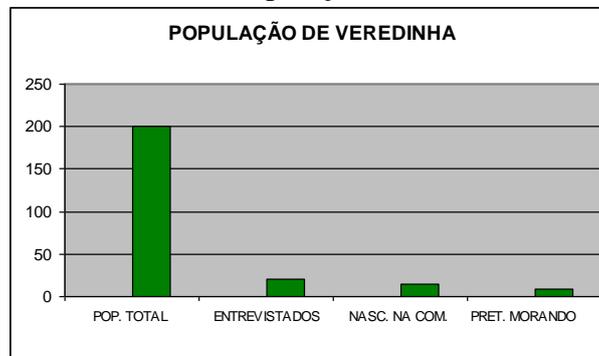
recomposto, investido de novos significados [...]". Assim, Cuche (1999, p. 143) relembra que "[...] se cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração em geração, é porque ela é uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si". Na mesma linha de raciocínio, Ullmann (1991, p. 83) sublinha a ideia de que: [...] o comportamento humano é um comportamento aprendido. O homem não vive predeterminado pelo instinto, o qual adotou, de maneira completa, a vida dos irracionais [...]. Aprendendo a viver, pode, também, aprender a viver melhor. Essa característica de aprender a viver e a humanizar-se recebe o nome de cultura.

Como podemos ver, a comunidade de Veredinha está inserida culturalmente neste contexto, porém as suas origens, sua história se perdeu no tempo, não houve uma preocupação de repassar suas origens através da tradição oral, onde os mais velhos contam as histórias dos antepassados para os mais novos e dessa forma suas origens correm o risco de não serem mantidas, isso não acontece apenas com essa comunidade Quilombola, não houve essa preocupação, existem muitas outras na mesma situação. O máximo que as pessoas mais idosas conseguem lembrar, em Veredinha, faz menção ao ciclo da mineração, cujo auge se deu no final do século XIX até a década de 1930, um recuo maior no tempo só com o auxílio de pesquisas históricas, da cultura original o que restou foi uma dança conhecida como “samba de roda” que por sua vez é forte no Recôncavo baiano, porém, também está presente nessa comunidade sem que seus habitantes saibam explicar a origem exata.

Atualmente, a comunidade se encontra reduzida a um grupo de habitantes que se concentram junto à gruta dos Brejões, num aglomerado de casas de construção tosca, muitas delas construídas com alvenaria, e com piso em cimento, coberta por telhas de barro, não possuem nenhum tipo de drenagem para águas residuais, sendo estas infiltradas no solo, contaminando o lençol freático, principal fonte de abastecimento de água potável, as casas contam com reservatórios feitos de recipientes plásticos, muitos deles que eram sobras de vasilhas que transportavam agrotóxicos, os sanitários se resumem a buracos escavados no solo sem nenhum cuidado com as proximidades dos cursos d'água que abastecem os moradores. Dispostas em duas fileiras com um grande terreiro entre elas.

A atividade básica é a agricultura de subsistência, que além de suprir as necessidades da população tradicional sobra um excedente que eles negociam nas feiras de Morro do Chapéu e outros municípios próximos. A agricultura praticada é a de sequeiro, sem nenhuma técnica que possibilite um aumento da produção. Dependendo completamente do regime de chuvas, essa atividade é complementada com a criação de caprinos. O número exato de habitantes é controverso, uma vez que é difícil conseguir dados estatísticos relacionadas à aquela comunidade, mas, estão entre 200 e 250 habitantes. Como nos mostra o gráfico 01 sobre a comunidade.

Gráfico 01: População de Veredinha



Fonte: SILVA. A.H.D. 2010

A aplicação dos questionários propiciou informações relevantes, foram escolhidos vinte pessoas, desses que se prestaram a responder os questionários quatorze são nascidos na própria comunidade, os mais velhos, os que não haviam nascidos lá, é porque os pais viviam na sede do município, Morro do Chapéu, esses são os mais novos, desses apenas nove, as pessoas mais velhas e do sexo feminino, relataram que pretendem continuar morando na comunidade. Os jovens de ambos os sexos não tem nenhuma intenção em continuar na área, pretendem estudar e trabalhar, principalmente no comércio, eles alegam que se continuarem na comunidade vão seguir os mesmos caminhos dos pais.

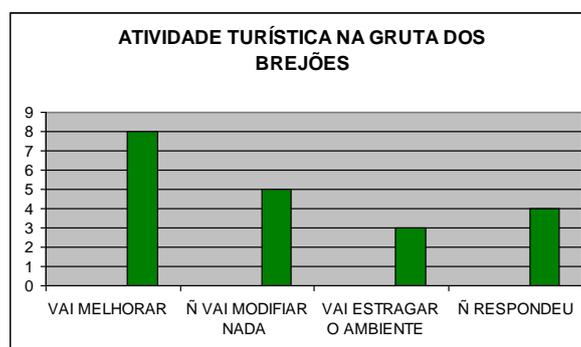
O alcoolismo é o problema mais frequente entre os moradores, principalmente entre os jovens do sexo masculino. A época em tiram algum dinheiro extra é durante a festa de Nossa Senhora dos Milagres, que é realizada na entrada da caverna dos Brejões, é um momento que vem muitos romeiros de vários lugares, próximos, segundo um morador mais velho, no passado a quantidade de pessoas que vinham eram bem maior

que a atual, uma vez que não haviam outras cavernas com as mesmas festas, excetuando Bom Jesus da Lapa, e a festa durava uma semana.

Como resultado da entrevista ao Secretário de Turismo do município de Morro do Chapéu, o mesmo deixou claro que é do interesse da Prefeitura incrementar o turismo para aquela área, mas o município não conta com infraestrutura e capital que possa dar suporte a um grande número de turistas e visitantes, além de não contar com pessoas capacitadas para tal atividade, outro ponto foi sobre a divulgação, que para o pessoal da administração municipal deve ser de responsabilidade do governo estadual.

Ao item sobre as vantagens que atividade turística pode trazer, boa parcela dos moradores de Veredinha respondeu que vai melhorar principalmente no que concerne à infraestrutura que eles reivindicam ao prefeito, como a construção de escolas municipais e um posto de saúde mais próximo da vila. Os moradores idosos não concordam, pois acham que tal atividade pode contribuir para a marginalização dos moradores, uma vez que sempre ficam de fora do processo, acabando como espectadores de um progresso do qual serão excluídos, além de ficarem vulneráveis aos marginais que utilizaram a área como local para a venda e consumo de substâncias alucinógenas ilegais. Os mais jovens, que ainda estudam falaram sobretudo sobre o problema ambiental que advém do turismo, como poluição das águas e do ar, problemas com acomodação de pessoas no interior da caverna, como já vem ocorrendo com as festas do Bom Jesus, onde algumas pessoas quebram espeleotemas. Gráfico 02.

Gráfico 02: Atividade turística na gruta dos Brejões



Fonte: SILVA. A.H.D. 2010

Uma preocupação surge aqui, a de inserir a comunidade na participação ativa, como condutores seus destinos, diferentes de muitos lugares com potencial turístico em

que grupos do Sudeste do Brasil e mesmo do exterior, principalmente Europa, que possui capital e infraestrutura terminam por dominar completamente deixando a população autóctone fora do processo, à margem do progresso que o turismo poderia trazer e melhorar seu padrão de vida, a exemplo do município de Itacaré-BA onde o turismo de sol e mar é forte, já consolidado, que aproveita como recurso as praias e o mar da região, entretanto a população autóctone não participa dessa atividade, existem dois mundos, um onde se desenvolvem as atividades relacionadas ao turismo com circulação de capital e todos os benefícios da tecnologia da comunicação e outro, onde a vida dos moradores da cidade não tem acesso aos benefícios trazidos pela atividade turística, sente-se marginalizados. Esse foi outro item investigado, sobre o tipo de visitante ou turista que visita a caverna dos Brejões.

No gráfico 03 podemos ver qual é o principal tipo de visitante o que procura aventura e geralmente esse tipo de turista não entra na caverna, permanecendo nas proximidades, onde pratica *rapel* no pórtico ou numa das duas claraboias, por onde descem e sobem sem fazer o trajeto pelas galerias, há também visitantes ocasionais, que entram na caverna indo pelo percurso mais fácil, esse geralmente não vem equipado para uma permanência longa, voltam para a sede do município ao fim do dia além dos curiosos que provêm das imediações ou mesmo de fora do estado, mas que têm parentes morando em algum dos municípios adjacentes a caverna, por isso são atraídos, esses são os mais perigosos, pois querem levar alguma lembrança da sua estada na gruta, então danificam os espeleotemas, deixam lixo no local, não tem nenhuma das boas práticas ambientais.

Gráfico 03: Tipo de visitante da gruta dos Brejões



Fonte: SILVA. A.H.D. 2010

Assim podemos partir do olhar da comunidade, inserida na designação de "nativo mudo" por Krippendorf (1989), ou aquele que é pouco ouvido, negligenciado, excluído da tomada de decisões dos projetos turísticos. Tendo como ponto de partida o "nativo mudo", a análise, realizada sobre o fenômeno turístico no mundo contemporâneo, leva a algumas considerações não muito agradáveis sobre o papel e a atuação desse segmento econômico. O turismo, referido por muitos autores como uma "indústria", é um fenômeno que tem seu crescimento coordenado e orientado pelo mercado e pelos interesses dos grandes capitais nacionais e internacionais, sem considerar, de maneira apropriada, os demais atores envolvidos no processo (BARRETO, 2000).

Uma avaliação do fenômeno turístico, na busca da construção de sociedades mais justas e participativas e por meio do fomento de atividades econômicas que promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável, fez com que neste trabalho o foco principal um ator fundamental no processo de desenvolvimento turístico seja a comunidade receptora do destino turístico.

A realidade atual mostra que o modelo de desenvolvimento econômico vigente não mais possível de ser mantido da maneira em que se encontra, esgotado, uma vez que as diversas estratégias econômicas em curso estão associadas a um sistema político-operacional que rapidamente destrói dois processos importantes para a vida humana: o processo de manutenção de recursos naturais e o desenvolvimento das comunidades locais. No mundo há inúmeras evidências de que as diversas atividades econômicas têm ação destrutiva em áreas cada vez maiores, que afetam de forma significativa a qualidade de vida das comunidades locais. Com a atividade turística, este contexto não é diferente. Em diversos empreendimentos turísticos, a cultura local tem sido elemento muitas vezes negligenciado; a apropriação de terras para a criação de parques e outras unidades de conservação, assim como a escolha de locais para a instalação de grandes complexos hoteleiros está frequentemente associada a riscos e injustiças sociais (EMBRATUR/IEB, 2001.). Essa análise leva à conclusão de que, em geral, as comunidades receptoras não usufruem do crescimento do turismo mundial, visto que poucos benefícios são efetivamente comprometidos com o desenvolvimento local (IRVING, 2000).

### 3 AS POSSIBILIDADES DO TURISMO SUSTENTÁVEL DE BASE LOCAL

Devido à necessidade de se pensar sobre o desenvolvimento de um segmento da economia global, comprometido com as questões sociais e ambientais e, baseado em princípios éticos, o turismo deve partir da premissa que nem a conservação dos recursos naturais, nem os lucros empresariais devem desrespeitar as populações locais ou impedir o seu acesso aos benefícios gerados pelo seu desenvolvimento. Pode-se considerar desta forma, que estratégias de planejamento turístico que neguem direitos e possibilidades às comunidades receptoras são destrutivas e ilegais (EMBRATUR/IEB, op. cit.). No entanto, são inúmeros os impactos negativos provocados pelo turismo. Preocupado com os princípios éticos da prática turística, Krippendorf (op. cit., p. 90) alerta que:

A promoção do turismo é vital para a aldeia e para a região e chega a ser de interesse nacional. Mas ninguém fala das eventuais repercussões negativas, apenas de rendimentos, de trabalho e de melhor qualidade de vida. E quando o turismo tiver invadido a região e os viajados<sup>2</sup> tiverem tomado conhecimento da verdade, às suas próprias custas, a euforia inicial dará lugar à desilusão e à visão realista das coisas. Mas, então, talvez seja tarde demais, porque os nativos terão perdido o controle do próprio destino.

Este modelo vigente é um dos principais obstáculos para a promoção da participação efetiva dos atores sociais em projetos de turismo. Mas, de acordo com a nova ordem mundial de desenvolvimento em busca da sustentabilidade econômica, ambiental, sociocultural, o turismo passa a exigir a incorporação de uma outra forma de pensar a democratização de oportunidades e benefícios e a configuração de um novo modelo de implementação de projetos, centrados em parceria, corresponsabilidade e participação (IRVING, 2002a).

Uma possível alternativa poderia estar centrada na promoção do turismo de base comunitária, que segundo WWF-Internacional ((2001, p.2 apud IRVING; MENDOÇA, 2004) pode assim ser apresentado:

Turismo comunitário ou de base comunitária pode ser definido como aquele onde as sociedades locais possuem controle efetivo sobre seu desenvolvimento e gestão. E por meio do envolvimento participativo desde o início, projetos de turismo devem proporcionar a maior parte de seus benefícios para as comunidades locais.

---

<sup>2</sup> Segundo Krippendorf, os viajados são as populações dos países ou regiões que acolhem os turistas, ou seja, que vivem no destino turístico.

A compreensão da dinâmica de construção de estratégias de turismo de base comunitária representa um imenso desafio no Brasil. Ainda há uma cultura enraizada de que só o grande capitalista possui recursos financeiros o suficiente para levar à frente um empreendimento turístico.

A partir desse enfoque e da constatação de que a limitada participação dos atores sociais em projetos de turismo representa um dos principais obstáculos a estas iniciativas, o presente trabalho tem como objetivo discutir a participação dos atores sociais no desenvolvimento, implementação, execução e gestão de iniciativas de desenvolvimento turístico, consideradas bem sucedidas, assim como contribuir para a interpretação dessa dinâmica no contexto da gruta dos Brejões.

Há uma fração importante dos programas de desenvolvimento local, que foram ou estão sendo implementados no Brasil, tem tido o turismo como objeto prioritário. Ou seja, o desenvolvimento do turismo tem-se convertido em alternativa para o desenvolvimento local, como medida para diversificação da economia e contribuição para o renascimento de lugares em crise (SOLLA, 1999). A manutenção da identidade cultural dos lugares como próprio fator de atividade turística; uma construção de uma via democrática para o desenvolvimento de certas localidades, articuladas pelo turismo como fator estruturante de valorização das suas potencialidades ambientais e culturais, com a participação da população local na construção ativa desse processo.

De acordo com as abordagens anteriores, a participação passa a ser considerada uma premissa importante para o desenvolvimento local. Surge, então, a ideia de capital social como outro elemento fundamental para o desenvolvimento, essa ideia já é praticada em algumas comunidades de pescadores do litoral cearense. O capital social deve ser imbuído de espírito público, através de relações horizontais de reciprocidade, cooperação, solidariedade e confiança, na busca de relações e oportunidades igualitárias, junto com o capital econômico apresentam-se como ferramenta essencial para o desenvolvimento local.

Uma comunidade se mantém unida por relações horizontais de reciprocidade e cooperação e não por relações verticais de autoridade e dependência. Assim os cidadãos interagem como iguais e não como patronos e cliente ou como governantes. Principalmente em comunidades carentes com um percentual muito grande de

analfabetos, é necessário que alguém do próprio grupo, mais instruído, tome a liderança. No caso de Veredinha, é complicado, mas não impossível, na comunidade quilombola de Veredinha faz necessário uma intervenção pública, pois ela está num a Área de Preservação Ambiental que já possui um gestor público e por se tratar de um ambiente frágil necessita de um cuidado especial, um plano de manejo para que a caverna possa entrar como atrativo turístico a ser visitada, formação de guias para a condução dos turistas e visitantes através das galerias, uma infraestrutura para apoio das pessoas que se deslocam para a área, melhoria na estrada sem por em mais risco o ambiente. Essas questões são para um posterior estudo, pois o que está em debate é a possibilidade de inserção deste grupo numa atividade econômica das mais rentáveis da atualidade, o ecoturismo.

#### **4 DIAGNÓSTICO DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NA COMUNIDADE DE VEREDINHA E CAVERNA DOS BREJÕES**

Na visita realizada à comunidade e à caverna, foram feitas observações sobre os aspectos sociais e ambientais para a constatação de impactos e danos ambientais e culturais, o resultado das observações foi usado para a elaboração de um quadro de impactos que foram classificados em fraco, moderado e forte, que devido ao pouco tempo no local foi feito apenas observando as modificações visíveis que ocorreram na paisagem do entorno da caverna dos Brejões, na sua entrada principal. E com a comunidade deu para perceber que ainda não foram afetados em sua cultura.

Quadro 01: Classificação dos impactos observados

<b>Impactos</b>	<b>Fraco</b>	<b>Moderado</b>	<b>Forte</b>
Invasão da área no entorno da caverna dos Brejões pela ocupação antrópica;			
Destruição da vegetação na área da caverna;			
Poluição do rio Jacaré;			
Danos causados à caverna pelo “turismo de aventura”;			
Problemas causados à comunidade de Veredinha pela atividade de turismo de aventura			
Compactação das áreas destinadas ao tráfego antrópico na caverna			

Fonte: SILVA, A.H. D 2009

Procedendo a análise foram verificados que os impactos resultantes da ocupação da área no entorno da caverna ainda é fraco, visto que as casas da comunidade de Veredinha são de construção rústica, portanto não havendo habitações de grande porte e por ser uma comunidade pequena, no que concerne a vegetação arbórea que margeia a gruta já é bastante visível, por isso foi considerado moderado, a explicação é que a comunidade usa tais árvores para fazer carvão e como lenha que usam para cozinhar seus alimentos. A poluição do rio Jacaré, que atravessa a APA e a caverna e que tem sua nascente no município de Barra do Mendes, já se encontra poluído por conta da passagem por municípios que não possuem tratamento de águas residuais. Porém não é ainda nada que seja irreversível.

O turismo de aventura que é praticado esporadicamente, sem nenhuma regulamentação, também impacta a caverna, tal impacto foi considerado moderado, pois como a maioria das incursões não passam da entrada e de algumas centenas de metros e por não estarem preparados com lanternas de longa duração, os impactos observados são por conta do uso de mosquetões para a prática de rapel, no pórtico que é considerado um dos maiores do Brasil, são desgastes e fraturas nas rochas calcárias, além da compactação do solo nas trilhas.

Quanto aos problemas causados à comunidade de Veredinha, segundo relatos dos habitantes são de pouca importância, por isso foi classificado como fraco. A compactação das destinadas ao tráfego no interior da caverna também foi considerado fraco, uma vez que são poucos os visitantes que fazem o trajeto pelas galerias da mesma. Portanto nada de muito grave.

A explicação para esse pouco impacto deve-se ao fato da caverna dos Brejões se encontrar num lugar de acesso relativamente difícil, onde apenas veículos dotados de tração 4X4 podem transpor os caminhos. Dessa forma a caverna e os habitantes de Veredinha estão temporariamente a salvo dos impactos socioambientais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste estudo ficou claro que é perfeitamente possível a inserção da comunidade de Veredinha e a caverna dos Brejões e seu maior atrativo turístico, no roteiro do turismo, fazendo com que aquelas pessoas possam desfrutar de melhoria nas suas condições sociais, trazendo junto com o visitante ou turista o capital para por sua

comunidade no mapa dos roteiros naturais, como já feito em outros locais, a exemplo de Mucugê, também na Chapada Diamantina. O turismo sustentável tem como característica norteadora a condição de seus atrativos turísticos serem ambientalmente adequados, economicamente viáveis e socialmente justos, sendo portanto considerado uma atividade de baixo impacto que alia o emprego de poucos recursos para mantê-la, uma vez que os equipamentos básicos são de baixo custo e fáceis de manter. Além de serem eles mesmos os atores principais sem a necessidade de uma gestão externa.

A atividade turística cresce anualmente gerando renda e emprego que, muitas vezes, representam a atividade econômica principal de determinada localidade. Esse crescimento acarreta impactos, positivos e negativos que podem ser mitigados com um planejamento adequado. Por isso a necessidade de sempre se encontrar alternativas que promovam a sustentabilidade do local, sem que o espaço físico e sociocultural seja muito afetado. Ao se planejar o turismo sustentável deve-se procurar maximizar os impactos positivos advindos da atividade e minimizar, ou se possível, eliminar os impactos negativos. A relação entre o meio ambiente natural e o turismo é bastante conflituosa e complexa uma vez que sempre existe ocorrência de impactos: ambiental, pelo pisoteamento da vegetação, compactação do solo, poluição de mananciais e culturais onde as interações entre turistas e comunidades envolvidas trazem sempre danos para estas, Veredinha por se encontrar isolada é bastante frágil e suscetível aos impactos culturais e sociais sofridos pela. A avaliação criteriosa, tanto é bom para a localidade a visitação turística, porque está gerando renda, embora, a invasão de turistas na localidade possa acarretar diversos problemas como, por exemplo, perda das tradições, dos costumes, aculturação, problemas de saneamento básico, problemas crescentes com drogas, prostituição, violência.

Dessa maneira, chega-se à conclusão de que para o turismo ser sustentável é preciso que se tome conhecimento, inicialmente, de quais os impactos negativos que podem existir na prática e quais medidas e ações mitigadoras existem que possam ser aplicadas. Portanto a comunidade de Veredinha e caverna dos Brejões possuem o potencial para se transformarem num novo roteiro do ecoturística para a Bahia e o que é melhor, num cartão postal do semi-árido brasileiro, desmistificando a seca e os problemas a ela relacionados.

## **REFERÊNCIAS**

- BANDEIRA, M. L. Território Negro em Espaço Branco. Estudo antropológico de Vila Bela. São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1988.
- BARRETO, Margarita. As Ciências Sociais Aplicadas ao Turismo. In: SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D.P. (Org.). Olhares Contemporâneos sobre o Turismo. Campinas: Papyrus, 2000.
- COSTA, Maria Augusta; RIBEIRO, WILLIAME, de Oliveira e TAVARES, Maria Goretti da Costa. O TURISMO ENQUANTO ESPAÇO DE ANÁLISE GEOGRÁFICA: TRES PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM. Mercator de Geografia da UFC, ano 03 número 06, 2004.
- CLAXTON, M. Cultura y desarrollo. Paris: UNESCO, 1994.
- CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. São Paulo: EDUSC, 1999.
- CUNHA, M. C. Antropologia do Brasil - mito, história e etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- EMBRATUR-IEB. Pólos de Ecoturismo - Planejamento e Gestão / Guilherme Wendel de Magalhães (Coord.). São Paulo: TERRAGRAPH, 2001.
- IRVING, M. A.; BURSZTYN, I.; SANCHO, A. P.; MELO, G. M. Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. Caderno Virtual de Turismo, v. 5, n. 4, 2005.
- KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1989.
- SOLLA, X. M. Turismo Rural: Tendências e Perspectivas. IN: IRVING, M; AZEVEDO, J. Turismo: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura, 2002.
- ULLMANN, R. A. Antropologia: o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.
- VERHELST, T. O direito à diferença - identidades culturais e desenvolvimento. Trad. Maria Luíza César. Petrópolis: Vozes, 1992.